

ENTRE PAISAGENS: ÀS FRESTAS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

BETWEEN LANDSCAPES: IN THE CRACKS OF THE CONTEMPORARY CITY

ENTRE PAISAJES: EN LAS GRIETAS DE LA CIUDAD CONTEMPORÂNEA

Isabella Khauam Maricatto
isa.maricatto@gmail.com

Eduardo Rocha
amigodudu@gmail.com

RESUMO

O artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado que versa sobre o estudo da paisagem urbana contemporânea. O conceito da Terceira Paisagem desenvolvido por Gilles Clément oportuniza e potencializa a discussão sobre territórios abandonados na cidade contemporânea, especificamente, ao pensar, a partir da ação biológica, suportes para ações e pensamentos no presente. Por meio de revisão de literatura, o artigo busca levantar argumentos teóricos que auxiliem na construção de uma outra cultura da paisagem urbana, destacando os sentidos e potencialidades da implementação do Estudo de Gestão Estratégica de Terrenos Abandonados de Montpellier - França. Ao fim, pistas para a apreensão e leitura da paisagem urbana buscam contribuir para o enfrentamento dos desafios urbanos contemporâneos.

Palavras-chave: paisagem urbana, terceira paisagem, territórios abandonados, cidade contemporânea.

ABSTRACT

The article is part of a master's monograph that deals with the contemporary urban landscape. The concept of the Third Landscape developed by Gilles Clément provides opportunities enhancing the discussion about abandoned territories in the contemporary city, specifically when thinking from biological action, supports actions and thoughts in the present. Through a literature review, the article seeks to raise theoretical arguments that help construct another culture of the urban landscape, highlighting the meanings and potentialities of implementing the Strategic Management Study of Abandoned Lands in Montpellier - France. In the end, clues for the apprehension and reading of the urban landscape seek to contribute to the confrontation of contemporary urban challenges.

Keywords: urban landscape, third landscape, abandoned territories, contemporary city.

1. Introdução

Esse texto é um fragmento de uma pesquisa de mestrado que versa sobre o estudo da paisagem urbana contemporânea. Aborda perspectivas transdisciplinares que fomentam e instigam novas reflexões e que dão pistas para diferentes formas de apreensão da paisagem urbana. O conceito da Terceira Paisagem - *tiers paysage* -, desenvolvido pelo paisagista francês Gilles Clément em seu

Manifesto (2014), oportuniza e potencializa a discussão, ao tentar construir uma cultura da paisagem que busque a preservação e o respeito à diversidade.

A Terceira Paisagem apresenta uma dimensão ecológica, ecossistêmica e política, examinando os sistemas que se formam nas relações construídas entre o ser humano e o ambiente. Essa especificidade da paisagem considera os espaços residuais, nos quais as espécies vegetais brotam espontaneamente, como reservas biológicas do futuro. A proposta apresenta-se como uma crítica aos sistemas de patrimonialização e seus rígidos discursos de preservação. Nesse caso, direciona a preservação para lugares que têm potencial de reservas ecológicas, pensando na manutenção das espécies e no respeito às águas, solos e ar.

Na França, esse conceito é incorporado, na prática, a projetos que vão desde parques até propostas inovadoras de gestão territorial, como é o caso do *Estudo Estratégico para Gestão dos Terrenos Abandonados* de Montpellier, desenvolvido entre 2009 e 2012, pelo grupo COLOCO em parceria com Clément. A fim de caracterizar as dinâmicas desses espaços “abandonados”, procura-se compreender como se conectam a outros sistemas de tramas urbanas, tais como áreas verdes, cursos d’água, entre outros.

Essa noção territorial que parte dos abandonos da cidade, ou ainda das reservas de remanescentes vegetais, sugere novas interpretações da realidade e novos momentos da urbanidade, sendo por isso tratados como Terceira Paisagem. Frente à fragilidade dos sistemas naturais das cidades na contemporaneidade, a proposta da Terceira Paisagem imbrica e sobrepõe dimensões do que é natural e artificial nos modos de vida e discute como estas se manifestam nas paisagens urbanas.

A discussão sobre paisagens e territorialidades, na perspectiva da Terceira Paisagem, desestabiliza estruturas cognitivas da sociedade que são culturalmente construídas. Fissurar ou desestabilizar essa estrutura social é relevante como forma de abrir espaço para outros modos de ver a cidade contemporânea e para criar alternativas para o presente e para o futuro. Considerando que a maioria dos espaços residuais são permeáveis às águas da chuva e ao escoamento dos espaços adjacentes, esses espaços reduzem problemas ligados à impermeabilização dos solos urbanos. A apreensão da paisagem urbana que potencializa esses espaços pode contribuir diretamente para o enfrentamento dos desafios urbanos da contemporaneidade, tais como: enchentes, mudanças climáticas, crise de recursos hídricos, entre outros. Ao tratar a paisagem como suporte, entende-se ser possível influenciar políticas públicas locais compatíveis com a realidade dos territórios da Terceira Paisagem, abrindo possibilidades para interpretações e para abordagens práticas mais sensíveis.

A despeito dessa evidente relevância, ainda é possível se questionar: como apreender as paisagens urbanas contemporâneas, levando também em consideração os seus territórios abandonados? A partir de revisão de literatura, objetiva-se investigar o conceito de paisagem na cidade contemporânea e os sentidos e potencialidades da implementação de projetos fundamentados na Terceira Paisagem. Ao

analisar esses territórios emergentes, pretende-se construir narrativas e territorialidades que fomentem uma outra cultura da paisagem contemporânea.

2. A paisagem urbana e as imagens em movimento

A defesa e recuperação de uma arquitetura paisagista vem ao encontro com o modo de perceber a cidade, uma ideia de pensamento. Do ponto de vista do planejamento urbano, Patrick Geddes, no início do século XX, na Escócia, desenvolveu novas propostas para a leitura da cidade que impactaram posteriores discursos a respeito das análises urbanas. Geddes iniciou a sua trajetória no campo da Biologia e, durante a sua vida, se debruçou sobre estudos de interação entre a vida e o meio ambiente, envolvendo aí as cidades que até então tinham suas leituras influenciadas por observações empíricas e intuitivas baseadas na “ciência da vida”. Dentre os livros que escreveu, *Cidades em Evolução* (1949) traz perspectivas filosóficas baseadas no ordenamento do território, considerando o desenvolvimento das cidades conectado a uma rede mais ampla que envolve a paisagem e não somente a interação entre as ruas e espaços públicos. Essa visão se desdobrou em um mantra: *survey before planning*, que enfatiza o trabalho da pesquisa anterior ao planejamento urbano. Além disso, seus diagramas que estabeleciam relação entre a comunidade e a topografia foram fortemente utilizados como modos de pensar a reconstrução das cidades no pós-guerra (GEDDES, 1949; SMITHSON *apud* RABELO, 2005).

Geddes propôs um novo curso universitário dedicado ao estudo prático das cidades. Nele, criou uma disciplina, a Urbanística Itinerante, cuja proposta era a imersão direta nos interstícios da cidade, por meio de percursos a pé deambulatórios, labirínticos e participativos que se contrapunham à visão abstrata e zenital dos mapas estáticos (CARERI, 2017). Esse modo de fazer pesquisa buscava desenvolver um registro fenomenológico evolutivo e horizontal: a *Survey Walk*.

Esse processo de pesquisa-caminhada foi experimentado por Geddes entre 1914 e 1924, na Índia. Com as observações itinerantes nas cidades, eram captados e colhidos indícios referentes a sucessivas evoluções históricas dos centros urbanos, o que levou o pesquisador a desenvolver um repertório crítico sobre territórios a serem deixados em seu “devir natural” e sobre territórios a intervir, oferecendo mudanças e novas configurações à paisagem urbana. Esse caminhar se dava antes e depois da composição do plano e também envolvia um novo método pedagógico, pois incluía os habitantes do lugar, sendo, portanto, participativo.

Careri, em seu livro *Walkscapes: o caminhar como prática estética* (2013), traz consigo a errância como arquitetura da paisagem, entendendo-a como “a ação de transformação simbólica, para além de física, do espaço antrópico” (2013, p. 28). Entende que essas ações podem ser consideradas como éticas e estéticas, e, “embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar” (CARERI, 2013, p. 51).

Atrelada à apreensão cultural, a perspectiva múltipla do termo paisagem solicita reflexões que se sobressaem em diversos campos do conhecimento, tais como a Artes, Geografia, Filosofia, entre outros. A perspectiva transdisciplinar, apresentada no livro *Saberes Ambientais* (HISSA, 2018), percorre caminhos que mostram o engajamento político do ser humano em meio a perspectiva ambiental. A transdisciplinaridade, nesse aspecto, envolve o ser político que habita a cidade e é política de vida, portanto, do ponto de vista urbano,

(...) a transformação da cidade não pode ser deixada apenas por conta dos urbanistas e dos arquitetos, mas deve ser estendida a todas as ciências que se interessam pela cidade, logo também a antropólogos, geógrafos, sociólogos, biólogos. E junto com as ciências devem caminhar também as artes, sempre no plural: explorar a pé a cidade e penetrar em seus significados é uma arte tal como a escultura, a pintura, a arquitetura, mas também como a fotografia, o cinema, poesia que nos contam, muitas vezes com maior eficácia do que os urbanistas, os fenômenos mais dificilmente legíveis da cidade atual. (CARERI, 2017, p. 100)

Ao considerar válidas as múltiplas maneiras de apreender a realidade da cidade contemporânea, alinha-se a proposta de análise da paisagem urbana contemporânea ao “desenvolvimento de uma consciência estética da natureza” (BESSE 2014, p. 35). A paisagem é vista como “produto das interações, das combinações entre um conjunto de condições e restrições naturais (geológicas, morfológicas, botânicas, etc.) e um conjunto de realidades humanas, econômicas, sociais e culturais.” (BESSE 2014, p. 66).

De acordo com Peixoto (1993), não é mais possível projetar a cidade ou a utopia moderna de uma cidade preconcebida, já que, em sua trama complexa e incontrolável, toda experiência urbana implica em ruptura e distância. Entretanto, um território é formado por um sistema de interações “em que o imaginário da cidade se confunde com todas as passagens entre todas as formas artísticas e arquitetura” (1993, p. 237).

É nesse espaço de encontro que se oferece em troca a própria presença. E é nas margens que se encontra certo dinamismo e podemos observar a formação das paisagens, apesar de deixar ao seu redor e no seu interior “partes inteiras de território ao abandono e mais dificilmente controláveis” (CARERI, 2013, p. 158).

Essas áreas intersticiais são muitas vezes desprovidas de toda representação, “apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas” (CARERI, 2013, p. 32). Assim, é por meio delas que se pretende traçar um primeiro “percurso unitário de conexão, para: reconhecer o seu direito à existência”, reivindicando para esses lugares uma “autonomia de desenvolvimento” (CARERI, 2013, p. 161).

Ao abordar o estudo sobre áreas tratadas como (des)habitadas, (in)seguras, (im)produtivas, Solà-Morales (1995) introduz o conceito de *terrain vague*, o qual remete a territórios ou porções de terra que estão fora ou são estranhos às dinâmicas urbanas, revelando para a cidade uma contraimagem dela

própria e expressando tanto uma crítica como uma possibilidade de transformação da territorialidade urbana, do próprio olhar e daquilo que se vê.

A ideia de uma contraimagem se dá por serem esses territórios justamente a espacialização ou materialização daquilo que não foi ordenado. Diferente da cidade planejada, eficaz e legitimada, demandam atenção à continuidade que provém dos sentidos, atentos às dinâmicas e fluxos de energia, assumem ritmos diferenciados aos limites já estabelecidos.

As imagens dos territórios abandonados, como produto estético, possuem potência para comunicar experiências físicas que se convertem em psíquicas, já que desestabilizam juízos de valor estético que compõem e envolvem a problemática da vida social contemporânea. A confrontação com as imagens desses territórios impõe dificuldades ligadas à estranheza dos homens e mulheres contemporâneos de assumir sua interioridade como identidade (SOLÀ-MORALES, 1995).

Ao encontrar a continuidade do tempo e do espaço como movimento de transformação da paisagem, o abandono assume um caráter polissêmico, pode se manifestar sintomaticamente em territórios indecisos da cidade e/ou evidenciar um deslocamento de pensamento emanado por um estado de corpo que apreende a paisagem. Nesse viés, ao se caminhar na cidade contemporânea, as forças em fluxos e contrafluxos se expressam como movimentos de pensamentos. Nesses abandonos, territórios de desestabilização, de contradição e de desvio, ainda indeterminados, é onde podem surgir todos os tipos de conceitos, de propostas, de projetos e de tudo mais que se queira fazer ou desfazer (ROCHA, 2010).

3. A implementação da terceira paisagem

A construção de modos de apreensão da paisagem urbana contemporânea é indispensável para proposições paisagísticas que atuem nas frestas da cidade contemporânea. É a partir dessas frestas que emerge a crítica do paisagista Gilles Clément, ao definir o conceito de Terceira Paisagem em seu Manifesto da Terceira Paisagem (2004). Nele, o autor defende uma perspectiva de paisagem em movimento, o que envolve um processo não-linear de sucessão ecológica, o que será discutido adiante, presente tanto nas cidades como em áreas não-urbanas.

A Terceira Paisagem contribui para uma análise mais ampla da paisagem, ao apontar para os espaços ainda não decididos e de difícil domínio, os quais podem ser classificados em: espaços residuais, conjuntos primários e reservas. O espaço residual é considerado como resultado do abandono de um terreno anteriormente explorado e se estende a lugares como margens de estradas, margens de rios, terrenos baldios e outras áreas que podem ter origem agrícola, industrial, urbana, turística, entre outras. As reservas são consideradas lugares não explorados, seja pela dificuldade de acesso ou pela exploração inviável devido a seu alto custo, que surgem a partir da subtração de territórios antropizados.

As reservas, por sua vez, podem ser consideradas como conjuntos primários e se mantêm por decisão administrativa.

O diferencial da Terceira Paisagem é o olhar voltado para a sucessão ecológica, uma sequência de alterações graduais e progressivas que modificam a composição de um terreno até que aconteça o surgimento de uma nova comunidade estável. A sucessão ecológica ocorre de modo aleatório e, muitas vezes, descontínuo ou não-linear. Entretanto, para que ela ocorra, é necessário que haja condições, sendo, por esse motivo, contingente e histórica.

A manifestação da sucessão ecológica no território é expressa progressivamente pela mudança na composição e na estrutura das comunidades vegetais, até que ocorra o estabelecimento da comunidade clímax ou de uma comunidade estável. Biologicamente, as espécies aparecem de acordo com as camadas que as sustentam, sendo as espécies pioneiras responsáveis por facilitar o desenvolvimento de outras espécies, levando a um aumento da biodiversidade.

A abrangência dos trabalhos que se referem diretamente à noção da Terceira Paisagem se estende a exposições, estudos e projetos em curso. Dentre eles, destaca-se a primeira exposição da Terceira Paisagem no Canadá, que aconteceu no Centro Canadense de Arquitetura de Montreal. Grande parte dos trabalhos são desenvolvidos em locais acessíveis ao público e apresentam propostas pedagógicas voltadas à Terceira Paisagem, fomentando a expansão do potencial comunicativo que parte do imaginário. O único projeto que amplia a proposta para uma cenografia da Terceira Paisagem é o Parque Matisse à Lille ou a Ilha Derborence (Figura 01), no qual o objeto central é elevado a 7 metros do nível térreo e recebe em 3500m² uma “floresta ideal” instalada apenas pela natureza. Inacessível, mas observável (CLÉMENT, 2004).



Figura 01: Parque Matisse à Lille. Fonte: WIKIPEDIA.

Dentre as propostas práticas que surgiram da Terceira Paisagem, estão: a cobertura da base submarina, *Saint-Nazaire*, na França; o Parque da Terceira paisagem em *Tijuana*, no México e o Parque

da Terceira paisagem em *Ramallah*, na Palestina, além do Parque André *Citroen*. Este último, apesar de conter jardins seriais e estufas frias concebidas de maneira mais convencional, reserva um setor específico à observação cotidiana das interações entre as diferentes espécies, do surgimento espontâneo de novas brotações e de suas dinâmicas naturais (CABRAL, 2020).

A tomada de consciência da terceira paisagem como necessidade biológica condiciona o devir dos seres vivos, modificando a leitura do território e valorizando os lugares habitualmente considerados como negligenciados (CLÉMENT, 2007). Por esse motivo, a terceira paisagem possui uma variedade muito grande de propostas e sugere uma mudança na compreensão da paisagem e da natureza a nível estético e ecológico, conectando o estético ao ético na paisagem do século XXI.

3.1. Estudo Estratégico para a Gestão dos Terrenos Abandonados de *Montpellier*

O conceito da Terceira Paisagem também aparece como potencial para se repensar em políticas e em práticas de planejamento e gestão dos espaços residuais das cidades. Neste contexto, destaca-se a experiência do Estudo de Gestão Estratégica de Terrenos Abandonados de *Montpellier* - França, desenvolvido entre 2009 e 2012. O projeto de diretrizes estratégicas para o desenvolvimento da cidade está previsto para ter continuidade até 2040 e seu método se baseia em quatro eixos principais. O primeiro eixo é o de *Intervenção* transversal no território, que propõe reorganizar a cidade existente e fortalecer a conexão entre o território, os habitantes e os promotores, ao incentivar a ligação de realidades transversais às tramas existentes; o segundo é o de *Consolidação* da sinergia entre os atores urbanos, que visa fortalecer a comunicação entre as instituições e a participação cidadã; o terceiro eixo parte da *Proposição* de maior transversalidade entre os departamentos da Cidade; e o quarto, *Ativação*, busca densificar, equilibrar a cidadania conectada ao espaço público, gerando um equilíbrio entre a densidade urbana e o vazio urbano que reflete o potencial de transformação de uma natureza urbana múltipla (COLOCO, 2020).

O Plano pauta questionamentos acerca da complexidade da cidade do futuro e cria suporte, tanto para o seu crescimento e densificação, como para um desenvolvimento sustentável segundo princípios da Ecologia, desde onde se legitima a presença de territórios baldios remanescentes na malha urbana. Essas outras territorialidades ou frestas da cidade contemporânea são tidas como uma rede de oportunidades que frustram e confundem a cultura das cidades modernas, com suas malhas urbanas rígidas, ortogonais e pragmáticas. Ao constatar processos orgânicos de dispersão de sementes, pólenes, ou ainda, o papel de insetos ou pássaros dentro do contexto urbano, os autores do plano de Montpellier defendem que não existe uma lógica única na cidade densa, construída. Outras lógicas de funcionamento existem e operam nela, de modo que, a cada caso, uma outra territorialidade é apresentada (COLOCO; CLÉMENT, 2010).

A partir dessa lógica-outra, a caracterização dos territórios por tendências de evolução botânica e espontânea é proposta como uma alternativa processual de planejamento e gestão de áreas específicas dentro da cidade. Os registros coletados evidenciam uma rede de “abandonos” (Figura 02) que oferece pistas para o enriquecimento da cidade e de seus ecossistemas. A caracterização dessas parcelas territoriais se originou, por vezes, em locais fechados, mas na maioria das vezes, em locais abertos. A extensão dos mesmos era crescente à medida que aumentava a distância do centro histórico da cidade, envolvendo camadas de origem agrícola, ferroviária e de baixa ocupação industrial (COLOCO; CLÉMENT, 2010).



Figura 02: Rede de “abandonos” da cidade de Montpellier. Fonte: COLOCO, 2020.



Figura 03: Rede de “abandonos” e espaços verdes da cidade de Montpellier. Fonte: COLOCO, 2020.

Apesar da rede de espaços residuais participar de uma trama de espaços urbanos ainda não elucidados, no estudo Estratégico de Montpellier, foram avaliados o potencial biológico, paisagístico e prático de cada espaço visitado, com o intuito de evidenciar e estabelecer uma relação sistemática entre eles. Dentre as fases do projeto de Gestão Estratégica está a criação de uma Rede Verde (Figura 03) que pode ser conectada aos espaços naturais da cidade através da rede de abandonos. Além de possuir uma função de deslocamento suave, essa rede desempenha o papel de conexão ecológica, denominada de Trama Verde (COLOCO; CLÉMENT, 2010).

O reconhecimento de tendências dos vazios urbanos na malha urbana permitiu o estabelecimento de tipologias (Figura 04 e Figura 05) de ação, classificadas em função de seu contexto, sua origem e seu potencial, preservando um olhar particular sobre cada territorialidade. Tanto na escala macro como na micro, espaços bem e mal geridos foram considerados durante o processo de associação das tipologias.



Figura 04: Tipologias de “abandonos” da cidade de Montpellier. Fonte: CLÉMENT; COLOCO, 2010.

Os *Noyaux* (Núcleos) são lugares que possuem uma biodiversidade interessante, potencial de conservação ou enriquecimento. Esses espaços podem ter uma tendência à expansão, por se conectarem a outros habitats. Os *Vecteurs* (Vetores) são importantes estruturas de conexão entre meios e, na maioria das vezes, possuem forte impacto visual. As *Particules* (Partículas) consideram as espécies espontâneas que brotam nos materiais permeáveis ou em muros, oferecendo acolhimento às plantas pioneiras sobre os terrenos muito pobres. *Isolats* (Isoladas) são as parcelas desconectadas, em transformação ou restos de canteiros abandonados de obra. Integram-se na rede natural urbana: os *Aménagements sur-entretenus* (Planejados), ou ainda, *Non-délaissés* (Não abandonados), áreas que possuem uma gestão paisagística “sofisticada” e custosa (em relação ao material, tempo de trabalho e/ou energia), podendo ser

reconsiderados e participarem de uma gestão global integrada; e os *Désaménagements* (Superfícies impermeabilizadas e sem uso), locais em que é necessário encontrar um solo para acolher a diversidade.

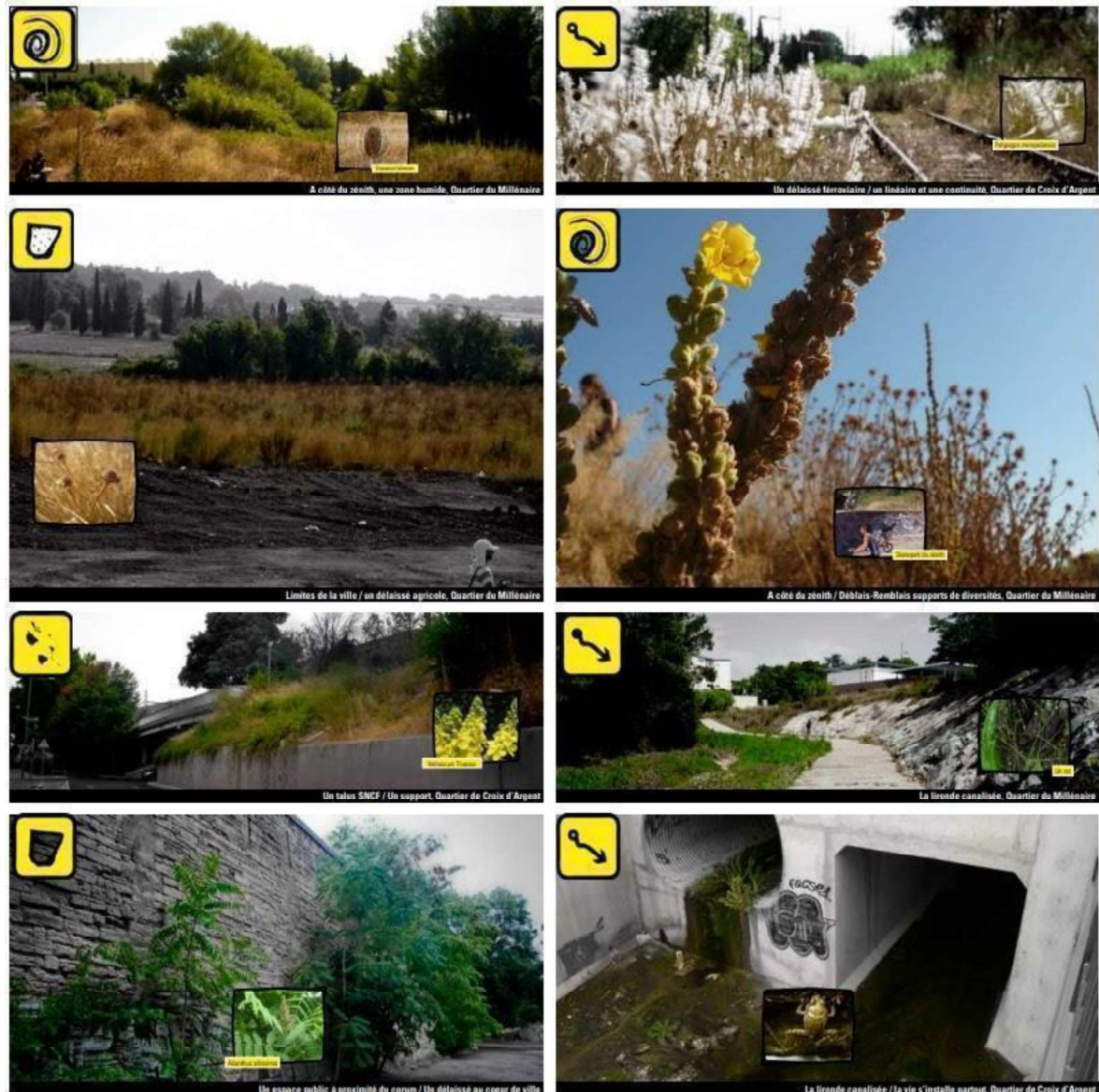


Figura 05: Associações das tipologias dos espaços residuais de acordo com a paisagem. Fonte: CLÉMENT; COLOCO, 2010.

Reflexões sobre o abandono se atravessam nesse processo de desenvolvimento do estudo e oferecem espaço para um plano global que integra aspectos referentes tanto à qualidade ambiental, como ao potencial biológico. Os resíduos urbanos, ao serem evidenciados em função de suas composições e localizações, por sua vez, possibilitam a conexão mais eficaz dos espaços naturais. A possibilidade de criação e diversificação desses espaços sugerem modos de gestão diferenciados; novos princípios práticos para projetos futuros; redes de espaços naturais urbanos; novos corredores biológicos e novas relações entre os territórios (COLOCO; CLÉMENT, 2010).

4. Pistas para a apreensão da paisagem urbana contemporânea

Um dos grandes desafios que o processo de urbanização impõe envolve a apreensão da paisagem urbana e a implementação de estratégias que fomentem o desenvolvimento urbano sustentável em busca de cidades resilientes. A conciliação da abordagem paisagística em consonância com o reconhecimento das paisagens das frestas envolve aspectos culturais que devem ser repensados nas cidades contemporâneas.

A paisagem urbana contemporânea, apreendida pela continuidade do tempo e do espaço, é composta por imagens em movimento. A complexidade dessas imagens demanda perspectivas transdisciplinares que fomentem novas reflexões e que visem ampliar pensamentos e incitar decisões integradas às condições ecológicas de cada contexto. A apreensão das paisagens urbanas, bem como o modo de planejamento urbano e ordenamento territorial, são culturalmente construídos. A proposta de mudança na compreensão paisagística moderna está no rompimento de conceitos já estigmatizados e no questionamento acerca dos territórios abandonados, ao assumir que tais territórios são compreendidos de maneira generalizada e, na maioria das vezes, através de uma perspectiva negativa. Desse modo, a impermanência das paisagens urbanas aborda não apenas os aspectos culturais, patrimoniais, econômicos e sociais, mas também cria conexões com a fluidez inerente ao conceito de Terceira Paisagem.

O conceito da Terceira Paisagem potencializa a existência dos espaços residuais, ao criar um repertório para desenvolver uma gestão paisagística na qual a biodiversidade possa ser preservada. A contribuição da análise paisagística baseada na Terceira Paisagem está no viés ecológico atrelado à topografia, ao clima, ao relevo, entre outros aspectos que evidenciam os remanescentes vegetais e a memória biológica e geográfica de aves e insetos. Nesse viés, o Estudo Estratégico para a Gestão de Terrenos Abandonados de Montpellier estabelece direcionamentos práticos e conscientes que auxiliam na compreensão dos territórios atuais com base na sucessão ecológica e instaura elos que aproximam as transformações naturais da paisagem com os desafios inerentes ao processo de evolução urbana.

Referências

- BESSE, J. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva. 2014.
- CABRAL, A. S. C. **Uma poética dos interstícios urbanos: paisagens possíveis nas entrelinhas da cidade**. 2020. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- CARERI, F. **Walkscapes: caminhar como prática estética**. I. ed. São Paulo: Editora G. Gili. 2013.
- _____. **Caminhar e Parar**. São Paulo: Editora G. Gili. 2017.
- CLÉMENT, G. **Le tiers paysage**. Disponível em: <http://arlibre.org>. 2004.
- _____. **Manifiesto del Tercer paisaje**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 84. 2014.

CLÉMENT, G.; COLOCO. (2010). **Montpellier: Elaboration d'une gestion des délaissés**. Disponível em: https://www.montpellier.fr/include/viewFile.php?idtf=13426&path=25%2FWEB_CHEMIN_13426_1314620934.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

COLOCO. **Montpellier – Les délaissés en réseau**. <https://www.coloco.org/projets/les-delaisses-en-reseau/>. 2020. Acesso em: jul. 2021.

GEDDES, P. **Cities In Evolution**. <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.223562>. 1949. Acesso em: 17 fev. 2022.

HISSA, C. E. V. **Saberes Ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2018.

JACQUES, P. B. Defesa pública da tese da prof. Paola Berenstein Jacques como requisito para promoção funcional à classe de Professor Titular. **Montagem de uma outra herança: Urbanismo, memória e alteridade**. Auditório Mastaba - Faculdade de Arquitetura UFBA. Nov 22. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1FEJt7mUZ7E&list=PLo5qt_Czg_P06yv_49St1f3I6kR9CZhOj&index=2. 2020. Acesso: 17 nov. 2021.

MORALES, I. de S. **Terrain Vague**. In: Davidson, Cynthia. Anyplace (ed. p. 118-123). Cambridge: MIT Press. 1995.

PEIXOTO, N. Passagens da Imagem: pintura, fotografia, cinema, arquitetura. In: Parente, A. (org.). **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. (Ed. 34, p. 237 - 252). Rio de Janeiro. 1993.

RABELO, G. **Patrick Geddes publica Cities in Evolution. An introduction to the Town-Planning movement**. Disponível em: http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/mais_documento_listar.php?idVerbete=705. 2019. Acesso em: 23 fev. 2022.

ROCHA, E. **Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e das artes**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24722>. 2010. Acesso em: 17 nov. 2020.